

Revistas semanais e perspectivas da História do Tempo Presente no Brasil: uma resenha de *Um país impresso*

Camila Serafim Daminelli*

AREND, Silvia Maria Fávero (Org.). *Um país impresso: História do Tempo Presente e revistas semanais no Brasil (1960-1980)*. Curitiba: Editora CRV, 2014. 231p.

Um país impresso é resultado do esforço de um conjunto de profissionais do campo da História – professores e professoras da Universidade do Estado de Santa Catarina, concentrados na linha de pesquisa Culturas Políticas e Sociabilidades, do Programa de Pós-Graduação em História – em alavancar os debates acerca da História do Tempo Presente no Brasil. Os debates apresentados por esse livro são oriundos de um projeto de pesquisa amplo, financiado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)¹. Sendo o único Programa de Pós-Graduação em História com concentração nesse campo no país, suas produções, aí incluído o livro em questão, são referências na lida com as fontes, no trato ético e na tentativa de consolidação da perspectiva histórica do tempo presente no Brasil.

Conforme justificam os professores Reinaldo Lindolfo Lohn e Silvia Maria Fávero Arend, que assinam a introdução do livro, revistas como *Veja*, *Visão*, *Manchete* e *IstoÉ* – denominadas como *revistas semanais* – tomaram dimensões que extrapolaram o âmbito de um negócio editorial a partir das modificações administrativas e tecnológicas da imprensa

* Doutoranda em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Pesquisadora associada ao Laboratório de Relações de Gênero e Família (LabGeF) e ao Laboratório de Ensino de História (LEH). E-mail: camis.hst@gmail.com

¹ Trata-se do projeto intitulado “Um país impresso entre culturas políticas e sociabilidades: revistas semanais, projetos sociais e memória histórica no Brasil (1964-1990)”, contemplado pelo Edital Universal nº 14/2011, do CNPq. A coordenação ficou sob responsabilidade da Professoradoutora Silvia Maria Fávero Arend.

brasileira nos anos 1960. Ganham legitimidade como instâncias discursivas organizadoras do social ao definir os acontecimentos memoráveis; pretenderam-se capazes de dar conta de vastas dimensões do país e de assegurar que leitores de distintas regiões estivessem aptos a compreender o noticiário. Para Arend e Lohn, “acontecimentos e processos em âmbitos políticos, sociais e culturais ganharam importância histórica projetada no futuro (agora presente) a partir da ação e elaboração do discurso da informação jornalística” (p. 12).

A obra é prefaciada pela professora doutora Marialva Carlos Barbosa, quem resume o objetivo da mesma como um intento em ver o país que estava sendo impresso em revistas semanais “identificando nas práticas de comunicação a construção de projetos sociais a partir de complexas relações de poder real e simbólico” (p. 9). O livro apresenta três enfoques interpretativos acerca do Brasil entre 1960 e 1980. O primeiro enfoque abrange o uso que as revistas semanais faziam do passado; o segundo, as formas como produziram narrativas que buscavam fixar o presente vivido como história duradoura e, finalmente; o terceiro aborda os significados que as revistas produziram acerca de transformações culturais que marcaram aquele período.

A primeira parte – “Revistas semanais e usos do passado” – reúne três capítulos. O primeiro, “A invenção do futuro do Brasil: usos políticos do passado na *Veja* (1968-1978)”, de autoria da professora doutora Cristiani Bereta da Silva, realiza um duplo movimento de análise: pensa como as narrativas de *Veja* dão sentido às mudanças em curso entre 1968 e 1978 e analisa referências históricas dessas narrativas a fim de problematizar a forma como o periódico participou da construção de um projeto de futuro para o Brasil a partir dos usos e seleções do passado. A autora sustenta que a revista fez circular representações sobre o presente do Brasil a partir de operações que envolviam lembrar alguns acontecimentos e esquecer outros. No período analisado, as narrativas da revista buscaram legitimar suas interpretações tendo como base o passado, que poderia ser apresentado como melhor ou pior do que o presente, mas que de qualquer forma servia de exemplo para o futuro que se queria construir.

“Documento, história e memória: revistas semanais e a difusão do passado durante a década de 1980 no Brasil” é um artigo assinado pela professora doutora Luciana Rossato e pelas graduandas Indiamara Duarte e Luana da Silva. Nele, as autoras discutem como as revistas semanais participaram da formação de uma cultura histórica no Brasil. A partir da análise de seções específicas das revistas *Veja* e *Visão*, intituladas “Documento e memória e História”, as autoras definem dois eixos de interesse das revistas semanais relacionados à história. O primeiro

demonstra preocupação por parte dos periódicos analisados em expor o descaso com a patrimonialização de bens considerados históricos. O segundo eixo apresenta e analisa documentos nunca antes divulgados, cuja publicação visava construir uma memória acerca de acontecimentos do passado histórico. A existência das seções e o espaço ocupado pelas narrativas demonstram, segundo as autoras, preocupação com a escrita da história e com a memória histórica por parte dos profissionais da comunicação social.

O terceiro capítulo a compor a primeira parte do livro intitula-se “A revista *Veja* comemora a pátria: o nacionalismo e o Sete de Setembro (1969-1972)”, de autoria da mestrandia Iara Steiner Perin. De acordo com as reportagens analisadas, *Veja* divulgou as celebrações em torno do Sete de Setembro, por um lado, sabendo do caráter genuíno que comemorações históricas exerciam na mentalidade das pessoas; por outro, acionando a data como artifício político-pedagógico para afirmar o sentimento de patriotismo. As narrativas jornalísticas, consonantes com os propósitos ideológicos do governo militar, refletiram as necessidades e soluções postas pelo mesmo para a manutenção da ordem estabelecida, aí incluídas as festividades da Independência. A autora lembra que se trata de um período de incentivo ao nacionalismo proporcionado pelo otimismo com relação ao futuro do país; assim, as comemorações do Sete de Setembro e os significados que engendraram naquele momento são reflexos de uma sociedade, do que ela é e do que se deseja que venha a ser.

A segunda parte do livro intitula-se “Revistas semanais e narrativas históricas”, e quem dá início à discussão é o professor doutor Reinaldo Lindolfo Lohn. Seu estudo realiza uma análise acerca das abordagens realizadas pela revista *Isto É* sobre a redemocratização do Brasil. Nesse período, segundo o autor, a imprensa dispõe-se a assumir a tarefa de conduzir um “agenciamento ordenador dos acontecimentos por meio da elaboração de discursos narrativos que produzem efeitos de real e são geradores de significado” (p. 116). As discussões que percorriam a cena pública naquele momento – eleições, predomínio da gestão econômica frente à esfera política, constitucionalização do país, direitos humanos, entre outros – apareceram em *Isto É* como norteadoras da reabilitação da política nacional em curso. Para o autor, o período marca a expansão de uma esfera pública das discussões e da emergência da grande mídia como protagonista na urdidura das linhas que teciam a liberalização sob controle do regime. O resultado das eleições municipais de 1976, entretanto, colocou em cena a necessidade de integrar os opositores do regime militar aos debates, sendo palavra de ordem a construção de consensos, teor evidenciado nas reportagens analisadas de *Isto É*.

O capítulo intitula-se “O teatro político e seus intérpretes: o início da redemocratização nas páginas de *IstoÉ*”.

Dando seguimento a essa segunda parte do livro, a doutoranda Juliana Miranda da Silva discorre sobre o espaço e a abordagem dos movimentos reivindicatórios nas revistas *Veja* e *IstoÉ* no capítulo “A abertura política e a ampliação das pautas reivindicatórias nas páginas de *Veja* e *IstoÉ* (1976-1980)”. Segundo a autora, enquanto a revista *Veja* passa somente a partir de 1977 a ser direta em suas críticas ao modelo político e à privação de liberdades impostas pelo governo militar, a revista *IstoÉ* desde as primeiras edições, em meados de 1976, traz em seus textos fortes críticas às ações do governo, em tom de ironia ou de inconformidade. Nas reportagens analisadas de ambas as revistas, observa-se preocupação com o paternalismo econômico por parte do governo, bem como críticas à estatização da economia. Tais críticas estavam, segundo a autora, mais presentes em *Veja* do que em *Isto É*. Contudo, em linhas gerais, é possível perceber que se delineiam em ambas as revistas interesses transversais nas narrativas da democratização, os quais parecem buscar tanto uma nova ordem política pautada na defesa de um modelo liberal, quanto demonstram, a partir da década de 1980, preocupação crescente com a temática das eleições e dos partidarismos.

Os debates em torno das eleições presidenciais de 1985 são objeto de estudo da professora doutora Sílvia Maria Fávero Arend e da graduanda Jéssica Cristina Gamba Torres no capítulo “Revista *Veja*: redemocratização, eleição presidencial e mitos políticos (1980-1985)”. Para as autoras, as narrativas de *Veja* são claras quanto à figura de Tancredo Neves: este seria a “escolha certa”. Tendo atuado no Legislativo e no Executivo, possuía, ainda, uma credencial indiscutível: seu poder conciliador, o que teria sido de extrema importância naquele momento para a aprovação de seu nome para a chefia do Estado brasileiro. As reportagens de *Veja* analisadas nesse capítulo demonstram o papel de destaque das mídias – sobretudo da revista *Veja* e da Rede Globo de Televisão – na construção do mito de Tancredo como símbolo da “Nova República”, bem como naimagem da esperança à qual deviam apegar-se os brasileiros e as brasileiras.

A terceira e última parte do livro aborda temas culturais e sociais nas revistas semanais, tirando o foco dos processos político-partidários, percebido nos trabalhos apresentados nas primeiras partes da obra. A professora doutora Marlene de Fáveri e a graduada em História Milene Chagas de Souza assinam “O feminismo virou *Manchete*”, trabalho no qual buscam perceber as representações acerca da mulher e do feminismo na chamada Década da Mulher (1975-1985) na revista *Manchete*. Essa revista teria se tornado baluarte de algumas temáticas femininas através

da presença da jornalista Heloneida Studart, a qual editava uma coluna onde temas como a violência contra a mulher, a desigualdade salarial no trabalho e as opressões vividas pela “condição feminina”, por exemplo, costumavam aparecer. Enfrentando embates com colegas homens e tendo textos censurados, Heloneida foi, segundo as autoras, uma das responsáveis pela inserção dessas pautas feministas no Brasil. Com sua saída da revista, em 1978, *Manchete* teria perdido o tom feminino e feminista emprestado por Heloneida.

“Propagandas na Revista *Veja*: construindo uma “nova” classe média (década de 1970)”, de autoria do MSc. Douglas Josiel Voks, busca, através de matérias jornalísticas e propagandas veiculadas na revista *Veja*, identificar como se processou a construção em nível simbólico de uma “nova classe média” no Brasil. Favorecido com o milagre econômico da década de 1970, o mercado publicitário brasileiro se expandiu e se consolidou, tornando-se negócio reconhecido e muito lucrativo. Despontavam, concomitantemente, novos agentes sociais e novos consumidores: a dita “nova classe média”. Conforme a análise do autor, as narrativas de *Veja* buscaram definir e, de alguma maneira, valorar o que seria a nova classe média brasileira, em comparação com uma dita classe média já tradicional. O elemento diferencial desses dois grupos era o consumo de bens e serviços pela nova classe média, daí a publicidade e a propaganda presentes em *Veja* voltar-se particularmente a esse grupo social emergente.

A terceira parte, bem como o conjunto da obra, finaliza com o trabalho do professor doutor Paulino de Jesus Francisco Cardoso e da MSc. Monique Francielle Castilho Vargas, intitulado “Clara Nunes, música popular e a descoberta da África no Brasil nos anos 1970”. Através de matérias informativas e de entrevistas concedidas por Clara Nunes a revistas semanais e a programas de rádio, os autores buscam compreender as razões do grande sucesso alcançado por essa intérprete brasileira. Para eles, Clara atingiu o apogeu artístico na cultura popular brasileira por uma combinação de elementos, a destacar-se a emergência de uma cultura antirracista e a eclosão de uma nova geração de sambistas afro-brasileiros comprometidos com a valorização das heranças culturais africanas. A interpretação para explicar o sucesso de Clara Nunes engloba elementos das culturas de matriz africanas, somados à sua atuação performática que, para além do encantamento que provocava no público, permitia a identificação de parcelas significativas da população brasileira às práticas de ser, sentir e viver da cantora.

O livro *Um país impresso* oferece um amplo painel demonstrativo das possibilidades analíticas e da riqueza documental das revistas semanais para a construção de uma História do Tempo Presente brasileiro. A

História a que visa dar passagem é de fundamental importância para matizar as interpretações sobre processos sociais que seguem abertos e incompletos. Eis o propósito e o desafio lançado pelos autores e autoras desse livro: instigar novos olhares acerca do tempo “ainda não findo” que possibilitem somar personagens e questões ao debate político, social e cultural da realidade brasileira atual.

Recebido em: 15 de dezembro de 2015.

Aprovado em: 25 de maio de 2016.